

UTOPIA  
IDEOLOGIA E PODER

Paulo Freire

(Palestra proferida dia 12/05/84, na PUCSP  
por ocasião do curso de extensão cultural  
"Igreja e poder")

Vim aqui, hoje à tarde, para conversar um pouco com vocês sobre a temática que está posta "Igreja e poder". Vou tentar colocar alguns problemas, partindo da nossa experiência no Brasil, para fazer comentários em torno da expressão autoritária de poder e de como venho tentando, utopicamente, me contrapor, teórica e praticamente, aos diferentes níveis de expressões autoritárias entre nós.

O autoritarismo entre nós

Como brasileiro, uma coisa que me toca e preocupa intensamente é um certo "gosto de mando", um certo gosto de poder opressivo, autoritário, que silencia quem está por baixo; é uma certa inclinação ao exagero de autoridade, à distorção da autoridade em autoritarismo, que perpassa as classes sociais no Brasil, de tal maneira que, talvez, a gente não corresse o risco de errar dizendo que somos uma sociedade fantásticamente autoritária.

Incrível o autoritarismo no Brasil! Ele se expressa de diferentes ângulos e revela uma exacerbação de poder: o poder do Estado, o poder das classes dominantes, o poder econômico, o poder intelectual. É o "sabes com quem estás falando?" que intimida. Pode até haver blefe nisso. Mas o próprio blefe confirma a tese do autoritarismo. Quer dizer, o sujeito olha para o outro e diz: "O senhor sabe com quem está falando?" O outro fica bem desconfiado de que deve ser no mínimo uma alta patente de qualquer tipo de poder. E aí ele não quer correr o risco de perguntar: "E, realmente, com quem estou falando?" Isso pode parecer zombaria e o cara pode se estrepar.

## Autoritarismo e discurso político dominante

Outra questão é a da linguagem da classe dominante diante da classe dominada. A exacerbação do poder, aí, se exprime em diversos níveis, desde a relação pessoal da madame com a cozinheira, do executivo com o chofer até o discurso do político para o povo.

Não sei como vocês se sentem diante de certas entrevistas de ministros. Vi entrevistas em que ministros falam ao Brasil como se o Brasil fosse uma nação de meninos debilóides. Quando voltei ao Brasil, em 1979, eu tomava susto ao ver certos ministros falando na televisão. Eu dizia para Elza: "Com que este cara está falando estas coisas?" E concluía tristemente que era com a gente ...

Lembro de um discurso que o Padre Antonio Vieira em 1638, no hospital da Misericórdia na Bahia, ao receber o Marquês de Montalvão, que vinha ao Brasil como vice-rei para fazer uma avaliação dos desastres da guerra contra os holandeses. Neste discurso, Padre Vieira cita a palavra "infante", que em latim significa "o que não fala". Se refere à parábola do endemoniado mudo (Mc 9, 14-29) e, comparando-o com o Brasil, diz que a grande doença brasileira era o silêncio imposto pela corte: toda vez que o Brasil quis protestar, teve sua palavra tolhida na garganta, ou pelo arbítrio, ou pelo medo. E Vieira continua mostrando como a enfermidade do silêncio vai destruindo as potencialidades do país.

É um sermão de 1638, mas ainda hoje de uma atualidade incrível. Isso mostra a dimensão histórica do autoritarismo. A nossa história vem sendo marcada por tentativas de dominação sobre as classes populares, cuja história não se conta, porque a história que se conta é exatamente a história de quem faz o povo calar. Conta-se a história dos agentes que fazem silenciar e não das massas silenciadas. De maneira que toda tentativa de as massas se rebelarem contra o silêncio é sempre posta entre parênteses ou contada de maneira diferente.

Vejam, por exemplo, como a gente até hoje aceita em falar de "Inconfidência mineira". Um grupo que se levanta para promover a libertação do país é chamado de traidor e a gente continua repetindo isso. Mas esse era o nome que o colonizador tinha que chamar na época e não nós.

Tem gente que ainda hoje fala em "descobrimento do Brasil". O Brasil não foi descoberto: o Brasil foi invadido e conquistado pelos portugueses. E até hoje isso não é dito às claras.

### Romper o silêncio

A nossa história tem sido preponderantemente isso: uma tentativa que o poder faz de nos silenciar constantemente. Mas estamos vivendo, hoje no Brasil, um momento histórico formidável em que as grandes massas populares estão de novo tentando falar, estão de novo insistindo em romper o silêncio.

Isto porque o autoritarismo não é uma essência imutável do povo brasileiro. O povo não é: está sendo, historicamente. Faz muito tempo que a gente vem sendo assim, o que tem a ver com o que a gente vem sendo hoje. Mas não tenho dúvida de que isso vai mudar, se a gente se inserir na história e fizer a transformação das condições materiais da sociedade.

A sociedade se transforma através da práxis política que tenha um compromisso com as grandes massas silenciadas. São essas que, paradoxalmente, terão voz, pois é exatamente quem tem quinhentos anos de silêncio é que pode ensinar a quem falou demais a falar certo.

São as massas brasileiras, silenciadas há quinhentos anos, que transformarão esta sociedade um dia. Não se pode esperar delas, já desde o início, um discurso organizado, um discurso maravilhoso como de Padre Vieira. O seu discurso vai ser exatamente a sua prática de transformação. E é este discurso-ação libertador, de corpo inteiro, que vai reeducar algumas de nós (e aqui faço questão de quebrar o machismo da linguagem!) a fazer também uma fala diferente.

Esta já é um pouco de minha postura utópica. E acho que a utopia é importante. Porque, ao imaginar como as coisas podem ser diferentes do que estão sendo hoje, a gente ganha forças para transformar o mundo e a nós mesmos.

### Compromisso e coerência

Não é possível fazer uma análise das estruturas autoritárias em que estamos metidos, de maneira neutra e descomprometida. Há os que defenderão a preservação do autoritarismo. Não é a estes que estou me dirigindo, pois não tenho nenhuma vocação missionária de convertê-los a uma postura democrática. Quero falar é aos que aceitam esta postura como ponto de partida e como procedimento.

Pois bem, se temos uma opção política de compromisso com a classe trabalhadora, temos um sonho, uma utopia. Meu sonho não é a tomada do poder: é a reinvenção do poder! A tomada do poder pode implicar na reprodução ideológica do velho poder autoritário. Mas é preciso, sim, reinventá-lo completamente de maneira democrática.

Este compromisso político exige coerência em todas as outras dimensões da vida. Para mim, é uma contradição se um de nós, que tem uma opção como essa, não modifique a relação possessiva com "sua" namorada, ou "sua" mulher, com "seus" filhos, "seus" alunos. (Vejam como a própria linguagem trai este caráter possessivo!). Como é que a gente pode ter uma opção por transformar radicalmente este país e, ao mesmo tempo, considerar-se proprietário do amor do outro?

O amor é libertação e não aprisionamento; é uma maneira de crescer, de ser mais, e não uma maneira de ser menos. E o autoritarismo do macho é profundamente asfixiante do crescimento da mulher.

Este alerta vale principalmente para nós que temos esta opção pela transformação social. Pois é preciso coerência entre o discurso que a gente faz em público e a prática que a gente tem no dia-a-dia. Não é o discurso que autentica a prática, mas é a prática que diz sim ou não ao discurso.

## Utopia e revolução

A gente está pretendendo fazer neste país um discurso novo, diferente. Esse discurso, de um lado, implica necessariamente a reinvenção da sociedade, mas, de outro, não é possível esperar que a sociedade total se refaça para que o discurso seja refeito em sua totalidade.

Aí que entra a importância da utopia. A postura utópica implica um "estar fora do mundo". Mas isto não significa necessariamente que a utopia seja irrealizável. Pelo contrário, utopia é a unidade dialética entre a denúncia do que está ocorrendo e o anúncio do que deve ser. Toda postura utópica implica numa fantasia necessária, que as revoluções precisam ter e, quando não têm, deixam de ser revoluções. Ao imaginar o possível, você antecipa o amanhã no sonho ou na tentativa de viabilizar este sonho do amanhã.

Alguns revolucionários foram fantásticamente utópicos. Vejo Guevara, por exemplo, como um profundo amoroso das massas populares, dos homens e das mulheres, amoroso da transformação radical. Era um homem que vivia sonhando constantemente com a viabilidade do próprio sonho. Ele sonhava, não porque era um sonhador, mas porque era um revolucionário. Quer dizer, ele buscava realizar seu sonho. Isso, para mim, é utopia.

Não é fácil, evidentemente, ser utópico no sentido revolucionário. Nem todo mundo pode ser Guevara, Amílcar Cabral ou Fidel Castro. Repetir os autoritários até que é fácil: o que é difícil é encarnar este sonho utópico de amorosidade que alguns homens e algumas mulheres têm encarnado. A experiência existencial da denúncia e do anúncio demanda da gente uma grande coerência entre a expressão verbal do próprio sonho e as menores práticas de que a gente participa para realizar o sonho, nas relações entre homem e mulher, professor e aluno ...

Se não tiver prática democráticas, atraiço meu discurso revolucionário, tornando-me um revolucionário autoritário: um contrasenso. Minha utopia me leva a não aceitar nenhuma contradição entre revolução e prática

radical e democrática dentro da própria revolução. Uma revolução, uma transformação utópica radical da sociedade, se faz com as massas e nunca sobre elas nem, tampouco, por elas .

Mas acho que vivemos hoje no Brasil um momento extraordinário, em que o autoritarismo está sendo posto em juízo, pela práxis dos movimentos populares, dentro dos quais a nova educação desse país começou a se gerar. Uma educação que coloca um milhão e quinhentas mil pessoas nas ruas, no movimento pelas "Diretas-já" (1984) nas ruas de São Paulo, de mãos dadas cantando o Hino Nacional, e sem arranhar uma parede ou quebrar uma flor.

É isso que está dando susto nos autoritários necrofílicos, amorosos da morte, que gostariam de continuar decretando morte sobre nós, com o discurso de negação de nossas liberdades.

#### EDUCAÇÃO E IGREJA

PERGUNTA: A educação sempre foi uma arma utilizada pelo sistema para reforçar o poder. Gostaria que você falasse sobre o papel da Igreja dentro da estrutura educacional.

PAULO FREIRE: Esta pergunta coloca duas questões. Uma questão teórica sobre o fenômeno da reprodução ideológica da educação, que começou a ser estudada de modo especial a partir de Althusser, nos anos 60. A segunda questão se refere à prática das Igrejas neste contexto.

#### Educação e reprodução ideológica

O que está implícito na primeira parte da pergunta?

Na verdade, o sistema educacional de qualquer sociedade é um subsistema de um sistema maior ( ou seja, o modo de produção, em que a organização econômica condiciona as relações sociais, inclusive a educação). O subsistema educacional é gerado no corpo do sistema social maior. Então, não cabe ao subsistema gerar quem o gera. Por isso mesmo, é impossível ao

subsistema transformar o sistema. Isto significa que não é através da escola que a gente pode fazer a transformação social e política da sociedade.

Muita gente pensa que através da educação se possa transformar as pessoas de tal maneira que, de agressivas passem a ser dóceis e compreensivas; de egoístas passem a ser amorosos e capazes de compreender que os outros também têm o direito de viver e sobreviver. Desta forma, a educação primeiro mudaria o coração das pessoas e, quando a sociedade estivesse cheia de "corações bons", estes transformariam também a sociedade.

Essa é uma posição profundamente ingênua. E tenho a impressão de que hoje pouca gente ainda acredita nisso. Há, sim, os que defendem estas idéias, com astúcia: se disser, por exemplo, que o trabalho da educadora é transformar o coração das crianças, entende-se que ser educadora é ser como "sacerdotiza". E sacerdotiza não deve fazer greve.

Na realidade, o educador, a educadora não são "sacerdotes" coisa nenhuma. São profissionais. E como profissionais, quando não recebem o justo, entram na luta e precisam fazer greve mesmo, senão os patrões não pagam.

A educação, como dizia, enquanto subsistema não pode<sup>se</sup> transformar em alavanca de transformação do sistema de poder, porque é este que define a natureza do subsistema educacional. Isto significa que ninguém no poder aceitaria que se pusesse em prática uma educação que desvelasse a natureza autoritária de seu poder. Desta maneira, é só na medida que se muda a estrutura do poder é que este pode inventar uma educação diferente.

Mas, se a tarefa da escola é reproduzir a ideologia dominante, esta reprodução não se dá mecanicamente. A relação entre o subsistema educacional e o sistema global da sociedade é histórica, dialética, contraditória, enfim, é processual e não mecânica. Por isso é que sua tarefa fundamental de reprodução ideológica pode ser contestada.

Por exemplo, a escola condiciona alunos e professores a reproduzirem inconscientemente as relações e a ideologia autoritárias vigentes na sociedade. Mas estudantes e professores podem desvelar criticamente este processo de reprodução do autoritarismo.

Evidentemente, é muito mais fácil reproduzir do que contestar. Quem reproduz consciente ou inconscientemente a ideologia dominante nada a favor da maré. Quem contesta, consciente e politicamente, o papel reprodutor da educação nada contra a correnteza.

Mas a contestação apenas do subsistema (a escola) não basta. A contestação tem que alcançar o sistema global, que deve ser visado como algo a ser transformado radicalmente.

A contestação do sistema social, a partir da inserção num subsistema, gera ambiguidade. É a ambiguidade de quem vive no sistema trabalhando contra o sistema. É preciso tomar consciência desta ambiguidade e assumi-la criticamente, inclusive para se tornar eficiente na contestação.

O professor e a professora contestatários têm que assumir uma competência científica e técnica, que jamais pode estar dissociada da opção política. Você tem que se perguntar a favor de quem e contra quem você está sendo competente. Porque não há competência técnica nenhuma que desde o começo não seja política. E, que contesta o papel reprodutor da educação trabalhando dentro do sistema educacional, precisa ser ainda mais competente e levar a sério sua tarefa.

Por exemplo, a reivindicação salarial é um ato político necessário, mas se a gente ficar só nesse nível, a gente cai no "economicismo", que Lênin já criticou há muito tempo. Isto é, a gente tem que dar um salto para a dimensão do ato reivindicativo que exige melhores condições de trabalho para ser, de fato, educadores e lutar com as massas populares por escola pública não só em maior quantidade, mas também com melhor qualidade.

É preciso, enfim, lutar para transformar radicalmente o sistema social. Não se trata de criar, apenas, diálogo entre professor e aluno. A contestação realizada dentro do subsistema educacional deve ter em vista o sistema global. E o educador, na escola, só contribui para transformar este sistema na medida que se articula à luta dos movimentos populares por reinventar a sociedade.

## Papel da Igreja na Educação

E como a Igreja se insere neste contexto?

Vai depender de que igreja é esta. No livro Ação Cultural para a libertação (na época, a Editora Paz e Terra teve que trocar, no título, "libertação" por "liberdade", por causa da conjuntura política), há um texto que escrevi há dez anos, "O papel da Igreja na América Latina", onde eu tento explicar três tipos de ser Igreja. Chamei o primeiro de "tradicional", o segundo de "modernizante", (a mesma tradicional que se moderniza para ser mais eficiente) e, por fim, a "profética".

As duas primeiras falam de páscoa, mas não fazem a Páscoa (mudança). A Igreja profética é a única que faz a Páscoa, porque não tem medo de morrer e, por isso mesmo, vai permanecer.

A Igreja profética é utópica, no sentido em que é denunciante e anunciante, engajando-se na transformação do mundo. Por isso, "a Igreja profética é tão velha quanto o recado de Cristo, sem ser tradicional, e tão nova quanto o recado de Cristo, sem ser moderna".

Uma das novidades da história política e pedagógica nesse país são as Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Elas são uma das expressões da massa popular vivendo a palavra e rompendo o silêncio. Elas estão no cerne da dimensão profética da Igreja. É a expressão da Igreja que se compromete, denuncia, anuncia, que comete pecados mas que se insere no meio popular e promove a transformação.

Desta maneira, as CEB's promovem, no meio popular, uma educação conscientizadora e libertadora, contrária à educação catequética que as Igrejas tradicional e moderna promovem na linha de dominação ideológica.

É preciso, então, identificar a posição política que a Igreja assume para compreender o sentido de sua prática pedagógica.

PERGUNTA: Como deve atuar na escola o professor que opta pela mudança das estruturas autoritárias, sendo que tanto o professor quanto o aluno são condicionados por estas próprias estruturas?

PAULO FREIRE: Veja bem, a educação é uma relação. Quando o jovem educador pretende com o jovem estudante refazer esta relação, repito, devem saber que, ao fazer esta proposta de reformulação, devem estar voando mais alto do que a própria sala de aula. A questão não é apenas reformular os métodos do subsistema de educação, mas é de começar a dar um testemunho da sociedade nova.

A gente não pode só viver o hoje e nem pode viver só no amanhã que a gente sonhou: é preciso saber que o amanhã só se faz na transformação do hoje. É mudando o hoje que eu vou criando o amanhã. E ninguém chega ao amanhã senão refazendo o hoje.

Mas, para refazer o hoje, é preciso considerar que o hoje é fruto de ontem. Ou seja, os jovens que chegam hoje à sala de aula têm uma história de classe, têm uma história de cultura e receberam um ideologia de autoritarismo, que foi reproduzida em casa e na própria escola. Ele ouviu, o tempo inteiro, que "professor é quem ensina e estudante é quem aprende". É óbvio que, quando o jovem professor propõe mudar esta relação e fazer o trabalho juntos, o jovem estudante tende a reagir: "Ô professor, deixa de embromação: você está aqui para ensinar e eu para aprender ...". E pode até ficar pensando que o professor que ~~exerce a autoridade~~ não se impõe autoritariamente é incompetente.

Desta forma, em primeiro lugar, é preciso compreender que o moço reproduz, sem o saber, a ideologia dominante que, possivelmente, ele também quer contestar. Segundo, é preciso respeitar a sua posição. Mas, terceiro, não aceitar.

Entender é necessário, respeitar é fundamental, mas é preciso brigar. E como brigar?

Em primeiro lugar tu tens que ser competente. Competente na própria área, para assegurar ao estudante que ele não está órfão e desamparado.

Segundo, tu tens que ampliar tua competência além do limite da própria área, para saber discutir com o jovem do ponto de vista epistemológico e político as razões de tua proposta. Logo de início tu tens que colocar para a moçada o que é o ato de conhecer, relação entre prática e teoria, assim como a questão da opção e coerência política.

Terceiro, é preciso levar a sério todos os questionamentos, mesmo os provocativos, e discutí-los, sem arrogância. Aos estudantes com quem trabalho sempre digo: "não há pergunta boba, nem resposta definitiva". Toda pergunta é legítima, até mesmo as provocativas, porque por detrás de toda agressão sempre existe uma razão. Não se trata de ser mansinho, mas também jamais ser arrogante. Se tu fazes isto uma vez, duas vezes, tu vais conseguir ganhar a confiança dos estudantes.

Desta forma, aos poucos, o grupo vai ganhando maior segurança e se tornando capaz de definir seus interesses comuns, suas propostas, suas utopias. Começam, assim, a atuar participativamente, na busca de realizar suas utopias ~~razões~~, e, com isso, se inserem no processo de mudança da sociedade.

Bom, vou parando por aqui. Espero que esta conversa, em que a gente abordou vários assuntos de forma um pouco assistemática, tenha ajudado, mesmo assim, a reforçar nossa utopia e nossa luta por reinventar as estruturas de poder.